

CONSTRUINDO IDENTIDADES: A RELAÇÃO UNIVERSITÁRIO/TRABALHADOR

Thiago Reisdorfer¹

Aluno do Programa de Pós Graduação à nível de Mestrado em História da
Unioeste
thiagorhs@hotmail.com

Este artigo tem por objetivo problematizar a construção de identidades de estudantes universitários que exerceram algum tipo de atividade remunerada durante o seu período de graduação. Para tanto analisarei entrevistas de dois estudantes de História, Nicheli Rodriguez Santos e Tiago Orben, nas quais buscarei perceber como as experiências de universitário e trabalhador, constituída na especificidade da cidade de Marechal Cândido Rondon, se articula na construção de suas identidades. As trajetórias desses sujeitos serão analisadas a partir do arcabouço teórico-metodológico da História Oral.

A primeira trajetória que apresentarei e problematizarei é a de Tiago Orben. Tiago nasceu e cresceu numa comunidade rural do interior do município de Verê, sudeste do Paraná, durante sua vida escolar frequentou diversos colégios públicos. Em casa auxiliava nos afazeres da lavoura, como tirar leite, tratar os animais domésticos, etc. No ano em que completa 18 anos, entra para a universidade, mais precisamente, para o curso de História da Unioeste, campus de Marechal Cândido Rondon, passando a residir nessa mesma cidade. A opção por fazer um curso superior, no caso História, se deve, segundo Tiago, a:

Ah cara, porque, a principio foi porque eu gostava de História, gosto de História e porque eu pensei: “ah, quero sair de casa”, também, gostava de História, queria sair de casa, e eu pensei, sou novo e vai ser uma coisa pro meu futuro, se eu acabar uma faculdade, daqui a 5 anos eu posso voltar pra cá, posso voltar pra casa, se eu quiser ajudar meu pai posso ficar em casa ajudando meu pai, se eu quiser fazer outra coisa eu tenho um curso superior, né cara. Então vai ser uma vantagem pro meu futuro. Então eu vejo pelo lado bom né.²

¹ Bolsista do Programa de Fomento do PTI C&T/FPTI-BR.

² ORBEN, Tiago. **ORBEN, Tiago**: Depoimento [julho, 2009]. Entrevistador: Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, 2009.

Logo após ser aprovado no concurso vestibular de 2007, e efetuar a sua matrícula, Tiago inicia sua busca por emprego. Essa busca é breve, pois ainda no intervalo entre a matrícula e o início das aulas Tiago consegue emprego na Unixerox, papelaria próxima a Unioeste. Esse primeiro emprego em Marechal Cândido Rondon é lembrado como uma “*triste ilusão*”³, se constituindo em sua memória como uma decepção.

A memória desse primeiro emprego é marcada por uma relação complexa, algumas vezes contraditória, com seus patrões, onde o maior conflito seria a soberba de um deles com relação aos funcionários, pois, segundo Tiago, sua patroa nem ao menos se dignaria a cumprimentar os mesmos, o que é visto e lembrado de modo negativo por Tiago. A saída desse “primeiro” emprego é marcada por uma experiência peculiar, pois a motivação alegada pelos seus patrões para a demissão de Tiago seria que teria havido uma diminuição no número de fregueses do estabelecimento, sendo que isto estaria ligado ao pequeno número de mulheres que trabalhavam na papelaria. No entanto, no decorrer de sua fala encontramos outras explicações a respeito desse episódio, onde é possível visualizar uma experiência muito comum entre os universitários, a informalidade nos trabalhos, bem como, a incerteza a respeito de suas fontes de renda. Segundo Tiago, a todos os funcionários desse estabelecimento eram apresentadas duas condições para trabalhar no mesmo, eles poderiam trabalhar com ou sem carteira assinada. Os funcionários que exigiam a assinatura da carteira seriam, segundo Tiago, demitidos ao completarem entre quatro e cinco meses de trabalho, o que evitaria o pagamento de determinados direitos trabalhistas. Uma das marcas dos empregos à disposição dos universitários é justamente a informalidade, os trabalhos de garçom, secretária, atendente, etc. geralmente são informais ou conseguidos através de estágios, condição que retirava desses sujeitos boa parte de seus direitos trabalhistas, como férias, décimo terceiro salário, entre outros. Há pouco tempo a lei de estágios foi revista ampliando os direitos trabalhistas dos estagiários.

Após ser demitido da Unixerox, Tiago procura e encontra trabalho de garçom em uma choperia da cidade, onde passa a conviver de maneira mais próxima com moradores de Marechal Cândido Rondon que não são universitários, doravante cidadãos. Logo depois disso Tiago consegue emprego no Giovalle, um dos maiores

³ Idem.

restaurantes da cidade, onde trabalha uma hora por dia em troca da comida. Esse restaurante tem por clientela, tanto cidadãos, quanto universitários ou pessoas ligadas à Unioeste, como funcionários e professores. Essa distinção, entre universitários e cidadãos, aparece muito forte na fala de Tiago, em vários momentos o entrevistado busca apresentar e explicar essa separação. O trabalho como garçom possibilita à Tiago uma visão e uma conexão com esses dois mundos, como podemos ver na seguinte fala:

Eles falam, “universitário só presta pra festar, pra incomodar a cidade”... Nos colégios só dizem que os universitários só prestam pra incomodar e pra pedir estágio; os que alugam casas perto da faculdade falam que os universitários só estragam as casas; os que moram perto da faculdade falam que os universitários só festam. E é essa a imagem que o povo rondonense tem dos universitários, né, que é aquela galera, o pessoal que não presta e eles acabam generalizando, porque na verdade não é todo mundo que é assim. Tem, lógico que tem o pessoal que vive festando de segunda a sexta, mas, a grande maioria não é assim. Você sabe, o pessoal vem aqui pra estudar mesmo. E eu vejo Marechal Cândido Rondon dividido em dois mundos, a gente vive num mundo aqui perto da Unioeste, aqui os universitários, lá o centro de Rondon, o resto de Rondon é outro mundo cara. E eu trabalho, parece uma viagem, mas eu trabalho no lugar aonde vem gente dos dois lugares.⁴

Essa separação é sentida por Tiago a partir de um estereótipo que esse sujeito sente com relação aos universitários, os mesmos seriam vistos como festeiros, bagunceiros e irresponsáveis pelos cidadãos. Esse estereótipo e o lugar específico em que Tiago se encontra na construção do mesmo, acaba gerando um conflito na constituição da identidade desse sujeito, pois, ao mesmo tempo em que ele se identifica como universitário, ele não se identifica com o estereótipo construído a respeito dos mesmos, buscando marcar um distanciamento dessa imagem de festeiro e bagunceiro. Ao ver sua posição de universitário menosprezada por esse estereótipo, Tiago constrói uma relação conflitante com o mesmo e com os sujeitos que o sustentam. Esse distanciamento ocorre numa relação dúbia de conflito e aproximação pois, enquanto vivencia esse conflito com os cidadãos, também se aproxima dos mesmos através de alguns de seus desejos e gostos, como, por exemplo, o anseio por um lugar calmo, a música sertaneja, etc. que aparecem em outros momentos da entrevista como elementos de aproximação com as práticas dos cidadãos. Ao mesmo tempo em que rejeita o estereótipo que o menospreza construído pelos cidadãos, se aproxima dos mesmos de outras formas.

Os estranhamentos e aproximações que marcam seu discurso e suas práticas não se limitam aos cidadãos. Por mais que se identifique com os universitários e, mais

⁴ Idem.

especificamente com os universitários de História, rejeita também práticas e identidades construídas pelos mesmos. Esse posicionamento pode ser percebido nessa fala:

O que estraga o curso também é a questão dos, que eu vejo, dos revolucionarizinhos do curso de História, que é um grupinho que passa uma imagem, que é uns cinco, seis que são revolucionários, que querem impor a revolução, que pregam o socialismo, que na verdade vão comer no melhor buteco aí de Rondon.⁵

Assim, ao mesmo tempo em que constrói sentidos e aproximações para uma prática, busca marcar um distanciamento com relação às opiniões por ele denominadas de “revolucionárias” que partem de alguns acadêmicos de História, vistas como hipócritas, pois, ao mesmo tempo em que pregariam o socialismo, a revolução, são sustentados por seus pais e usufruem dos melhores restaurantes da cidade, atitude que causa desconfiança e rejeição por parte de Tiago, por parecer a ele contraditória em relação ao discurso propagado pelos mesmos. Ao marcar esses distanciamentos e aproximações, Tiago busca construir uma identidade que faça sentido para sua experiência e que seja compatível com suas vivências.

Após algum tempo trabalhando como garçom, Tiago consegue uma vaga de estagiário na biblioteca da Unioeste. Esse emprego por mais que também seja percebido como permeado por conflitos é considerado por Tiago, um ótimo emprego, chegando ao ponto de Tiago afirmar, sem negar as contradições presentes nessa relação, que se pudesse ficaria no mesmo até o final da vida

(...) no mais eu acho legal trabalhar ali, o pessoal é bacana, massa, eu gosto de trabalhar ali cara, tanto é que se eu pudesse eu trabalharia ali pelo resto da vida, biblioteca é um lugar bom de trabalhar, um lugar muito... você estar no meio dos livros, é tudo cara, por mais que eu não tenha muito tempo pra estudar lá, o professor fala de um livro, no outro dia vou lá, “ah ta aqui”, eu gosto de trabalhar lá.⁶

Nessa fala, vemos contradições sendo reconhecidas, mas também táticas sendo elaboradas. Nesse sentido, apesar do pouco tempo para estudar durante o trabalho, vemos que ele consegue fazer isso. A fala de Tiago a todo momento remete a uma subordinação dos diversos trabalhos que exerce, ou exerceu, à seus estudos, construindo para o trabalho um sentido instrumental para a realização de suas metas. Nesse sentido, podemos perceber na fala acima, bem como em outros momentos, as constantes tentativas de Tiago em elaborar táticas que faça com que seus estudos não sejam tão

⁵ Idem.

⁶ Idem.

prejudicados pela necessidade de trabalhar. Também é interessante observar o fato de que, com exceção do tempo em que trabalhou na Unixerox, todos os outros empregos são rememorados como tendo importantes pontos positivos, assim Tiago ressalta que trabalhar na choperia contribuiu para ele obter um primeiro contato com os cidadãos, bem como, para aprender a trabalhar de garçom, o que seria importante posteriormente; trabalhar na Giovialle é visto como vantagem, pois além de não ser necessário cozinhar, ele pode se alimentar bem sem gastar nada, o que gera uma importante economia; já o trabalho na biblioteca possibilita, como já colocado, que o mesmo estude e tenha um contato próximo com livros, o que é visto como vantajoso.

Ainda nessa linha de argumentação, Tiago deixa bem claro que trabalhar faz com que não sobre tempo para os estudos, sua rotina é pesada, e seus tempos vagos escassos:

O estudo cara é difícil, porque eu... tanto é que se você for analisar eu não tenho muito tempo. Eu começo a trabalhar as 8:30, trabalho até as 11:30; aí trabalho no Giovialle até a uma, aí vou almoçar até 1:30, aí chego em casa e já vou pra biblioteca; vou pra biblioteca as duas e fico até as cinco. Então eu tenho das 5 as 7 de tempo vago, que geralmente quando eu tenho prova, que eu trabalho, já fico na biblioteca direto estudando, ou quando não tenho prova vou e fico uma hora, uma hora e meia, só venho pra casa tomo um banho e volto; daí a aula acaba as 10:30 a noite, aí das 10:30, até chegar em casa, comer alguma coisa já é 11 horas, aí estudo das 23 até as 00:30, no máximo 1:00, quando tem prova e tal.⁷

Mais uma vez vemos ressaltada a dificuldade em estudar, a busca por horários alternativos de estudo. Apesar disso não é possível ver aqui, como na fala de Nicheli, uma ênfase na falta de possibilidade de vivenciar o espaço da universidade, essa ausência pode ser decorrente do fato de que Tiago trabalha num dos ambientes mais importantes da universidade, a biblioteca, vivenciando, mesmo que a partir da experiência de um trabalhador, esse espaço, podendo a partir de sua posição construir diálogos com outras instâncias da universidade.

Passo agora a apresentar a trajetória de Nicheli, para que depois possamos articular as duas trajetórias e, dessa forma, perceber as construções e re-elaborações de identidades nelas presentes. Nicheli tem 20 anos, é proveniente de uma fazenda no interior de Primavera do Leste, Mato Grosso, onde seu pai trabalhava como gerente, de lá se dirige para a cidade de Toledo, visando cursar o terceiro ano do ensino médio. Ao vir para Toledo, sua intenção era cursar jornalismo na Fasul, o que é dificultado e

⁷ Idem.

impossibilitado pelos altos custos da mensalidade do mesmo. Nicheli entra na faculdade no mesmo ano que Tiago, inclusive na mesma turma, à noite, se conhecem, mantendo inclusive uma relação de amizade, apesar de as entrevistas não terem sido programadas a partir dessa relação. Cursava, no momento da entrevista, o terceiro ano de História matutino, recebia naquele momento uma bolsa Pibic-Unioeste, no valor de 200 reais, renda que era complementada por uma ajuda financeira de seus pais.

Ao chegar a Toledo, Nicheli passa a morar com seus tios e a trabalhar numa farmácia de manipulação de remédios, onde exercia a função de entregadora. Esse trabalho é rememorado principalmente pela dificuldade em conciliar seus estudos e o trabalho. O período de moradia em Toledo é usado a todo o momento para comparar com sua vida em Marechal Cândido Rondon, sua preferência por Toledo é declarada diversas vezes:

E assim, eu amo Toledo, desde quando eu vivi aqui pequenininha, eu sempre gostei muito de Toledo, e quando eu mudei pra cá pra Rondon, uma das coisas mais chatas assim, depois de um tempo, principalmente depois que eu tava morando sozinha em Toledo, é que meu tio viajava demais, pra caramba, aí eu ficava abandonada, aí eu curti pra caramba, eu nem falava, eu falava aonde eu ia, eu não podia, “eu vou em tal lugar, eu vou em tal festa!” e aí tipo assim, do segundo ano eu saía bastante, principalmente depois que eu entrei na faculdade, não pra festa essas coisas, mas a gente sempre ia no lago, no shopping, no cinema e tal. Tinha, tem coisas pra fazer bastante em Toledo, e a gente era muito grudadas as meninas, a gente sempre fazia alguma coisa no final de semana. Quando eu mudei aqui pra Rondon, uma das coisas mais difíceis foi morar sozinha. (...) quando eu mudei pra cá essa foi uma coisa que eu senti, que foi ficar sozinha, porque aqui são quatro quitinetes né, o pessoal é a maioria mais velho, não tem muito universitário aqui.⁸

Esse estranhamento com relação à cidade de Marechal Cândido Rondon continuará atravessando toda a sua fala e será um dos pontos principais de seu discurso. Assim como Tiago construiu seu discurso dialogando, muitas vezes de forma conflitiva, com estereótipos, Nicheli construirá seu discurso marcado por estranhamentos profundos com o ritmo de vida dessa cidade, bem como pela sensação de solidão causada por morar sozinha. No entanto, nem tudo são espinhos no seu discurso sobre a sua vida em Marechal Cândido Rondon. Enquanto narra um crescente estranhamento inicial com o ritmo de vida rondonense, algo que só será parcialmente superado com a construção laços de amizade e namoro, é em Marechal Cândido Rondon que percebe algum tipo de identificação com o trabalho, mesmo que a partir de uma resignificação desse espaço. Nesse sentido é interessante observarmos a fala abaixo:

⁸SANTOS, Nicheli Rodriguez. **SANTOS, Nicheli Rodriguez**. Depoimento [30 de novembro]. Entrevistador: Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, 2009.

Aí fiquei lá [em seu emprego na Wizard] até o meio do ano, o serviço era muito bacana, gente aqui de Rondon mesmo, tinha gente de cidade vizinha, que nem a Sirlei que vinha de Entre Rios, eu que era assim de mais de fora mesmo, mas todo mundo de um canto assim, e todo mundo se dava muito bem, e eu sempre falo que a recepção que eu tive no serviço foi muito mais fácil que lá em Toledo que era maior e coisa e tal, e as meninas achavam que eu não ia conseguir ficar, porque elas achavam, nunca achavam que quem entrasse ia conseguir ficar lá. Então é ... Lá foi muito mais difícil, foi difícil a questão de amizade, a questão de se enturmar, aqui desde o primeiro dia todo mundo foi muito gente boa, todo mundo me tratou muito bem lá no serviço, foi muito, muito legal, foram seis meses ótimos assim, eu se pudesse não teria parado de trabalhar lá, até porque não me atrapalhava na faculdade.⁹

A identificação que ocorre nessa situação, não é com o emprego de secretária, mas com as práticas, com a trama de relações que se desenvolvem nesse espaço e que transcendem ao mesmo tempo em que atravessam as relações de trabalho aí estabelecidas. Assim como na fala de Tiago, vemos aqui um trabalho subordinado à condição de universitário, só é possível trabalhar e possivelmente criar algum tipo de identificação com o trabalho se ele não atrapalhar no desenvolvimento dos estudos. No entanto, essa condição dificilmente é alcançada, pois o mínimo que qualquer trabalho exige é algum tempo, mesmo que flexível, de dedicação à ele, sendo essa premissa inevitável, o que resta à esses estudantes é utilizar-se de táticas que possam facilitar, de alguma forma, a relação entre trabalho e estudo. Trabalharei essas táticas mais adiante.

A superação dos problemas relativos ao exercício de algum tipo de atividade remunerada veio, para Nicheli, na forma de uma bolsa de estudos. Nesse sentido ela afirma:

Eu sempre falo pra minha mãe que eu vou morrer universitária (risos). Eu sempre digo pras meninas, eu acho que agora eu vou morrer bolsista também (risos). (...) não, mas, é sério, eu acho que se todo mundo pudesse ter uma bolsa de estudos, ao invés de ter de ralar pra conseguir estudar, tipo, trabalhar e estudar ao mesmo tempo, eu acho que é outra vida. Eu sempre, eu penso assim, o que era ser universitário antes da minha bolsa, e o que é ser universitário agora com a minha bolsa, porque principalmente no primeiro ano, vinha na aula sentava para ouvir o professor, sabe tipo, o que eu lia em casa era o que tinham mandado ler na aula, eu não pegava outra coisa pra ler fora disso. E aí assim, era aquela coisa, vou ter que me formar porque tem de trabalhar (...). Mas nunca tinha muito bem esse contato com o pessoal, com as próprias amigas, com os professores, com o espaço da universidade em si do que eu tenho hoje.¹⁰

Ser bolsista, no caso dela, não só resolveu problemas financeiros, como reforçou sua identificação com o grupo social dos universitários. Sua identidade de universitária é reforçada devido ao maior tempo que a jovem tem para se dedicar aos espaços que a

⁹ Idem.

¹⁰ Idem.

universidade oferece, não apenas enquanto espaço de desenvolvimento intelectual, mas também de desenvolvimento pessoal. Interessante notar que no caso dela em nenhum momento durante sua fala, vemos críticas à universidade, mesmo quando os assuntos são acadêmicos, sua opinião é de que a universidade, e o curso de História em específico contribuíram para sua formação, tanto pessoal quanto intelectual. A título de explicação poderíamos usar a seguinte fala de Nicheli: *“mas e aí assim, era muito novo pra gente lá em casa, porque a gente é os primeiros que tá conseguindo fazer um curso superior, tanto é que nós somos os bajulados”*. Os benefícios que o lugar social de universitário traz para o sujeito podem, no caso de Nicheli, ter sublimado críticas à instituição ou ao curso. Obviamente outras podem ter sido as causas, inclusive podem ser motivações que não aparecem na entrevista, motivações políticas, psicológicas entre outras. Assim, creio não ser responsabilidade, nem função do historiador, fechar de modo definitivo qualquer questão, o que não o impede de levantar hipóteses acerca das mesmas.

O que vemos na trajetória desses dois sujeitos é a construção de suas identidades operada na trama de relações constituídas a partir das espacialidades sociais, históricas, culturais e subjetivas, que em diversos pontos são diferentes, vivenciadas por cada um desses sujeitos. Apesar de Tiago e Nicheli compartilharem lugares sociais semelhantes, os dois são universitários, trabalharam durante a realização de seu curso superior, vem de famílias de baixa renda, etc. suas experiências são marcadas por situações diferentes, o que interferirá na constituição de suas identidades. Essa afirmação se deve ao fato de que tal como Stuart Hall acredito que:

O que denominamos como “nossas identidades” poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos “viver”, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente. (HALL, 1997, p.26)

Dessa forma, visualizar o conjunto de experiências que cada sujeito ou grupo vivencia, pode ser uma das formas mais ricas de pensar a constituição de suas identidades. É interessante notar, nesse sentido, principalmente na trajetória narrada de Nicheli, como uma mudança na forma de vivenciar um determinado processo interfere na identidade que o sujeito constrói. Nicheli, como já citado acima, recebe, a partir do seu terceiro ano de faculdade, uma bolsa de estudos, o que, segundo ela, mudará a forma de perceber a

universidade, de ser universitária. Sua fala se desenvolve construindo um sentido positivo para esse processo “*Eu sempre, eu penso assim, o que era ser universitário antes da minha bolsa, e o que é ser universitário agora com a minha bolsa*”¹¹, essa sua fala é construída a partir da comparação entre os dois momentos, o momento em que tem de trabalhar, e o momento em que é bolsista, atribuindo sentidos positivados para o último. Se antes, Nicheli afirmava que queria morrer universitária, agora afirma que quer morrer bolsista. Ao *ser universitário* é agregado o *ser bolsista*, que possibilita a ela vivenciar de forma mais ampla o conjunto de situações que compõem sua identidade de universitária. A identificação com o grupo dos universitários resulta numa subordinação das relações de trabalho às necessidades do *ser universitário*¹².

Estamos vendo como, tanto Tiago, quanto Nicheli, constroem suas narrativas a respeito de suas vivências dando ênfase na sua posição de universitário, em detrimento da posição de trabalhador. Mesmo no caso de Nicheli, que se torna bolsista, essa condição é considerada a ideal justamente por possibilitar uma maior liberdade para vivenciar sua posição de universitário, intelectualmente e subjetivamente falando. Suas identidades são construídas nas intersecções da trama de relações que suas vivências constroem.

A construção de suas experiências não é, entretanto, feita apenas na individualidade. Bilhão, ao trabalhar com identidades de operários do início do século, afirma que:

Assim, ao analisar a construção da identidade operária em um determinado contexto e local, penso ser necessário levar em conta (...) os particularismos da esfera local com suas peculiaridades e desdobramentos e, por outro lado, deve-se observar que essa construção identitária não ocorre de forma isolada, tanto no que diz respeito à sociedade na qual está inserida o grupo de identidade quanto, em um contexto mais amplo, à época e aos acontecimentos nacionais e internacionais que, em diferentes medidas, lhe dizem respeito, procurando combinar, dessa forma, as esferas micro e macro-lógicas de análise. (BILHÃO, 2008, p.11)

A construção de suas identidades passa por outras instâncias do que apenas a sua subjetividade, apesar de esse ser por excelência onde o processo se dá. Assim tanto Nicheli, quanto Tiago, enfrentam situações que fogem do seu controle e que estão

¹¹ Idem.

¹² A utilização da ideia de *ser universitário* não implica aqui, numa essencialização ou idealização de um determinado modelo de como ser um universitário, mas sim, serve como elemento agregador de sentidos em nossa narrativa. Entendo que existem múltiplas formas de ser universitário que não as apresentadas nesse texto. A categoria *ser universitário* deve ser vista aqui como uma forma de dar maior fluidez ao texto.

diretamente ligadas a esse processo. Tiago depende de políticas de emprego do governo e da universidade para se manter em seu trabalho de bibliotecário, o qual é considerado próximo ao ideal, já Nicheli depende de uma série de condições exteriores para ser bolsista, seu orientador se afasta para pós-graduação, seu projeto de pesquisa deve ser aceito por alguma das instituições de fomento a que ela tem acesso, entre outros. Ou seja, por mais que o processo de construção de suas identidades se dê no âmbito da subjetividade, várias outras instâncias são determinantes, fazendo com que a identidade não seja pura escolha do indivíduo, mas um processo que se dê na articulação do social e do individual.

Vimos problematizando até agora a construção de identidades de sujeitos a partir da articulação entre estudo e trabalho, gostaria de me deter agora em uma outra questão que pode lançar algumas luzes a respeito dessa questão. Gostaria de problematizar a forma como esses universitários vêm seus empregos com relação a seus projetos de vida. Para Florencia Saintout, os jovens vêm hoje seus trabalhos a partir de uma noção instrumental: *“Hoy, para los jóvenes entrevistados, el trabajo tiene un carácter puramente instrumental: es el medio para conseguir autonomía, ciertos bienes, ciertas garantías, ciertas posiciones.”*¹³ Tanto Nicheli, quanto Tiago nos dão, a uma primeira vista, a ideia de que seus trabalhos são instrumentais. Para eles os trabalhos que exercem durante a graduação tem por função torná-la viável. Essa primeira conclusão vem da nossa leitura de suas entrevistas onde percebemos que a todo momento o trabalho está subordinado às necessidades de seu curso superior, o trabalho só é bom se não interfere em seus estudos, sendo que é inclusive necessário que traga consigo algum tipo de flexibilidade de horários e afins, para que atividades em contra turno ou estudos extra-classe possam ser realizadas. Essa subordinação ocorre através de táticas, que Certeau define da seguinte maneira:

Chamo tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar como o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. (CERTEAU, 1994, p. 100)

É nesse sentido que percebo algumas ações de Tiago e Nicheli enquanto táticas, elas possibilitam maior tempo para o estudo, mas esse tempo não é permanente, pois se hoje podem estudar, amanhã será necessário uma nova negociação para que seja possível,

¹³ Saintout, 2009, p.93.

essas ações não garantem ganhos espaços permanentes. Exemplos dessas táticas podemos visualizar nessa fala de Tiago: *“Ah cara, não tenho muito tempo pra estudar não. Eu quando eu posso, quando ta meio sossegado lá na biblioteca, eu levo os textos lá, tento dar uma lida, só que é meio difícil, sempre chega um, chega outro...”*¹⁴. Apesar da dificuldade, por ter de atender pessoas em momentos que desejava estudar, essa tática está presente. Já Nicheli negociava seus horários visando ampliar a sua participação em atividades acadêmicas, algo constantemente ansiado por ela: *“quando eu precisava sair pra um evento, alguma coisa, eu deixava horas no banco de horas e pagava depois né, pagava uma hora quando o pessoal tivesse precisando”*¹⁵. Essa negociação acontece a partir das possibilidades apresentadas não apenas por esse emprego, mas pela própria legislação trabalhista, no entanto a forma como essa legislação é usada, é que identificamos aqui como uma tática. Além disso, essa tática só é passível de ser utilizada a partir da negociação entre o patrão e Nicheli, bem como, com suas colegas de trabalho, pois caso contrário, dificuldades poderiam ser criadas no momento em que desejasse tirar a folga.

Para problematizarmos identidades é importante compreender que elas são múltiplas, fluidas, cambiantes, sendo constantemente questionadas pelo meio sócio-histórico onde estão sendo construídas, sendo reelaboradas e ressignificadas pelos sujeitos. Dessa forma tanto suas experiências na universidade quanto suas experiências anteriores, bem como seus anseios com relação ao futuro, contribuem para a construção de suas identidades. É dessa forma que identidades de Tiago e Nicheli foram discutidas aqui.

A problematização a respeito de identidades que foi realizada nesse artigo utilizou-se a todo momento, dos aportes teóricos e metodológicos da História Oral, a partir das proposições de Portelli e Khoury. Nesse sentido, vemos aqui a entrevista e, conseqüentemente, a relação entrevistado/entrevistador, como um experimento em igualdade:

Uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua. Uma parte não pode realmente ver a outra a menos que a outra possa vê-lo ou vê-la em troca. Os dois sujeitos, interagindo, não podem agir juntos a menos que alguma espécie de mutualidade seja estabelecida. O pesquisador de campo, entretanto, tem um objetivo amparado em igualdade, como condição para

¹⁴ ORBEN, Tiago. **ORBEN, Tiago**: Depoimento [julho, 2009]. Entrevistador: Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, 2009.

¹⁵ SANTOS, Nicheli Rodriguez. **SANTOS, Nicheli Rodriguez**. Depoimento [30 de novembro]. Entrevistador: Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, 2009.

uma comunicação menos distorcida e um conjunto de informações menos tendenciosas.¹⁶

Nesse sentido busquei durante a realização das entrevistas, estabelecer uma relação de igualdade entre as partes constituintes na produção da entrevista, entre o sujeito entrevistado e o pesquisador. Esse procedimento tem sido facilitado pela minha grande proximidade com os entrevistados, visto que enquanto estudante da UNIOESTE há seis anos, constituí na cidade uma trama social de contatos que facilitam a realização das entrevistas. Sendo assim, é importante ressaltar que durante as problematizações realizadas a partir das entrevistas esse foi um fator de suma importância pois, por ser reconhecido como um estudante universitário, muitas vezes, vimos pressuposições de experiências e sentidos vivenciados em comum, além de outras cumplicidades que devem ser problematizadas não apenas aqui, mas em toda a pesquisa.

Privilegiamos a História Oral por considerar, também, outros aspectos, tal como propõe Yara Aun Khoury, que afirma:

A interlocução com pessoas nos põe em contato mais direto com os trabalhos da consciência e da memória de cada um, estimulando nossa própria consciência da dimensão política desse diálogo intelectual. Isso requer mais do que um trato meramente factual das narrativas e de coleta e sistematização das ricas informações que trazem; demanda uma atenção especial à relação imbricada entre os fatos narrados e significações construídas que vão muito além das próprias entrevistas. Eles se forjam nas relações sociais vividas e também incidem sobre elas.¹⁷

Nesse sentido, buscamos pensar o conjunto de relações de alteridade pesquisador/pesquisado que dão corpo às entrevistas, pois as narrativas orais são sempre marcadas por relações entre diferentes lugares sociais ocupados pelos sujeitos que nela são/estão envolvidos. A relação entrevistado/pesquisador é uma dinâmica de alteridade marcada por representações que se estabelecem mutuamente, sendo a tentativa de construção de uma igualdade, tal como nos alerta Portelli, um dos caminhos de uma entrevista mais construtiva. Como assegura esse autor, somente dessa forma nos aproximamos mais do processo de construção das memórias, identidades e representações com as quais as entrevistas se constituem.

¹⁶ PORTELLI, Alessandro. Forma e Significado na História Oral. A Pesquisa como um Experimento em Igualdade. **PROJETO HISTÓRIA**. São Paulo, p. 7-39. Fevereiro, 2007.

¹⁷ KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro (Org.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'água, 2004. p.122.

Busquei problematizar nesse artigo, a partir da História Oral, como as múltiplas vivências de Tiago e Nicheli durante o curso superior, dando prioridade a relação entre trabalho e universidade, se articularam na construção de suas identidades. Chego ao final afirmando que suas identidades continuam sendo reelaboradas constantemente a partir de suas vivências. Desse modo ao invés de aqui fechar uma conclusão afirmando que Tiago e/ou Nicheli *são* universitários, ou trabalhadores, ou jovens, ou paranaenses, ou rondonenses, entre outros, de maneira maniqueísta, fecho afirmando que eles *são* e *estão* essas identidades, de uma forma relacional, não fechada, mas cambiante. Nenhuma de suas identidades é mutuamente excludente as mesmas convivem, harmonicamente ou não, através de disputas e trocas, no mesmo sujeito. Essa “convivência” de múltiplas identidades em um sujeito, juntamente com a riqueza de possibilidades que o contexto sócio-histórico que cada sujeito vivencia, possibilita que os mesmos constantemente ressignifiquem suas identidades. É justamente a multiplicidade de identidades, experiências, vivências, que transformam o ser humano no tão interessante enigma que nos convida a conhecê-lo e compreendê-lo.

BIBLIOGRAFIA

BILHÃO, Isabel. *Identidade e Trabalho: uma história do operariado porto-alegrense* (1898-1920). Londrina, PR: EDUEL, 2008.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro (Org.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'água, 2004. P.122.

PORTELLI, Alessandro. Forma e Significado na História Oral. A Pesquisa como um Experimento em Igualdade. *PROJETO HISTÓRIA*. São Paulo, p. 7-39. Fevereiro, 2007.

SAINTOUT, Florencia. *Jóvenes: El futuro llegó hace rato. Percepciones de un tiempo de cambios: familia, escuela, trabajo y política*. Buenos Aires: Prometeo Libros. 2009.

FONTES

ORBEN, Tiago. **ORBEN, Tiago**: Depoimento [julho, 2009]. Entrevistador: Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, 2009.

SANTOS, Nicheli Rodriguez. **SANTOS, Nicheli Rodriguez**. Depoimento [30 de novembro]. Entrevistador: Thiago Reisdorfer. Marechal Cândido Rondon, 2009.